

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

S. THOMAZ D'AQUINO PADROEIRO DAS ESCOLAS CHRISTÃS (Breve do Santo Padre Leão XIII) — SECÇÃO RELIGIOSA: *O Protestantismo*, pelo padre Paulo Savino, da Congregação da missão — SECÇÃO SCIENTIFICA: *Ainda a perversão philosophica*, pelo Padre Chrispim Caetano Ferreira Tavares — SECÇÃO HISTORICA: *Apontamentos para a historia de Guimarães*, por Z. — SECÇÃO LITTERARIA: — *Homenagem*, poesia por Joaquim Pestana; *Theophilo Braga* apreciado por um dos seus, do *Primeiro de Janeiro*; *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinues, verso de J. de Freitas (continuação); — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *A Roma!* pelo conde de Samodães — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 30 DE AGOSTO

S. Thomaz d'Aquino, padroeiro das escolas catholicas

Retiramos hoje o nosso artigo de fundo para dar publicidade ao Breve pontificio que declara S. Thomaz d'Aquino Padroeiro de todas as escolas catholicas.

Para fazer ouvir a voz do Summo Pontifice é dever nosso immudecer, porque sempre aos filhos compete calar-se quando falla o Pae.

Escutemos, pois, a voz da Igreja sahida dos labios do grande Pontifice, e admiraremos o notabilissimo documento que, enchendo de santa alegria as almas de todos os fieis, será mais uma pedra engastada na corda que orna a frente do Vigario de Christo:

LEÃO XIII, PAPA

Ad perpetuam rei memoriam.

E' um uso fundado na natureza e approvedo pela Igreja Catholica procurar o patrocínio dos homens eminentes em santidade e a imitação d'aquelles que notavelmente cultivaram ou attingiram a perfeição em qualquer materia. E' por isso que um grande numero d'Ordens Religiosas, de Lyceus e de Sociedades litterarias haviam, de ha muito tempo, escolhido, com approvação da Santa Sé, para mestre e para Padroeiro, S. Thomaz d'Aquino que sempre brilhou, como um sol, pela sciencia e pela virtude.

Tendo, nos nossos tempos, o estudo da sua doutrina tomado geralmente notavel augmento e divulgação, surgiram numerosas supplicas para que fosse considerado como Padroeiro pela auctoridade d'esta Sé Apostolica, para todos os Lyceus, Academias e Escolas do mundo catholico. Alguns Bispos manifestaram serem estes os seus ardentes votos e n'esse sentido enviaram cartas, ora particulares, ora collectivas. Muitas Academias e Sociedades scientificas dirigiram humildes e reiteradas supplicas no mesmo intuito.

Approve-Nos differir o dar satisfação a tão vehementes pedidos, afim de deixar engrossar o numero d'essas instancias, quando se realiso um acontecimento favoravel a esta causa; como foi a publicação feita, em egual dia, o anno passado, da Nossa

Encyclica sobre a *Restauração nas Escolas Catholicas da philosophia Christã, segundo o espirito do Doutor Angelico S Thomaz d'Aquino*. Na verdade, os Bispos, as Academias, os decanos dos Lyceus e os sabios de todos os paizes declararam unidos n'um só sentimento e n'um brado unisono que seriam doceis ás Nossas Ordens; que queriam até, no ensino da philosophia e da Theologia, seguir porque affirmam que teem, como Nós, a convicção de que a doutrina thomista possui uma eminente superioridade, ao mesmo tempo que uma força e virtude singulares para curar os males de que soffre a nossa época.

Portanto Nós, que, ha muito, temos ardentemente desejado que as escolas floresçam sobre a guarda e patrocínio d'um mestre tão insigne e abalisado; em presença do testemunho tão formal, unanime e surprehendente dos desejos universaes, julgamos chegado o momento de reunir um novo lustre á gloria immortal de S. Thomaz d'Aquino.

O primeiro e o principal motivo que Nos determina, é o ser S. Thomaz d'Aquino o modelo mais perfeito, que, na cultura da sciencia, podem os catholicos escolher. N'elle resplendem, com effeito, todas as qualidades do coração e do espirito que justamente impõem a imitação: uma doutrina riquissima, perfeitamente pura e methodicamente ordenada; o respeito da Fé um e admiravel accordo com as verdades divinamente revela-

das; a inteireza da vida, sobre-doirada pelo esplendor das mais bellas e sublimes virtudes.

Tão vasta é a sua doutrina, que abrangem, na sua immensidade, toda a sabedoria antiga. Todas as verdades descobertas e annunciadas, todas as questões sabiamente tratadas pelos philosophos pagãos, pelos Santos Padres e Doutores da Igreja, pelos homens superiores que floresceram antes d'elle, não só S. Thomaz d'Aquino conheceram plenamente tudo isso, mas até acrescentou, completou e resolveu todas essas questões com uma intelligencia tão superior e admiravel, com tal perfeição de methodo e com tão rigorosa propriedade de termos, que parece ter deixado aos que se lhe seguiram a faculdade de imital-o, mas ter-lhes tirado a possibilidade de igualal-o.

A sua doutrina possui ainda a grande vantagem de corresponder ás necessidades não de uma época, mas de todos os tempos, por isso, que é munida de principios de uma grande largueza d'applicação, além de que propriissima para vencer os erros modernos que incessantemente renascem. Sustentando-se por sua propria força e valor, permanece invencivel e apavora profundamente os adversarios.

O perfeito accordo entre a razão e a fé não é de menor valor, sobretudo no juizo dos Christãos. O Santo Doutor demonstra com evidencia que as verdades da ordem natural não podem estar em desharmonia com as verdades que crêmos, fundadas na palavra de Deus; e que, por conseguinte, seguir e abraçar a fé christã não é por fórma alguma uma submissão baixa e humilhante da razão humana, antes uma nobre obediencia que alteia e eleva o espirito; e finalmente que a razão e a fé deri-

vam, uma e outra, de Deus, não para que existam em dissensão, mas para que, vivendo como amigas, se prestem reciprocos serviços.

Todos os escriptos do bem-aventurado Thomaz offercem o modelo d'essa união e d'esse admiravel accordo. Por quanto n'elles vemos sobre sahir e brilhar, ora a razão, que, precedida pela fé, attinge o objecto das suas pesquisas na investigação da natureza, ora a fé, que é explicada e defendida com o auxilio da razão; e isto, todavia, de tal sorte que cada uma conserva intactas a força e a dignidade que lhes pertencem; quando assim o exige o assumpto, ambas caminham juntas como alliadas contra os inimigos de uma e de outra.

Se foi sempre de summa importancia evidenciar a perfeita harmonia existente entre a razão e a fé, de muito maior monta o é desde o seculo 16.º, porque, n'esta época, principiarão a disseminar-se os germens de uma liberdade que ultrapassa os devidos limites e a justa medida, de uma liberdade que faz com que a razão humana repudie abertamente a auctoridade divina e que a impelle a pedir á philosophia armas para aggre-dir e para minar as verdades religiosas.

Emfim, o Doutor Angelico não é menos eminente pela sua virtude e santidade, do que pela sua eximia sciencia. Mas a virtude é uma excellente preparação para o exercicio das forças do espirito e para a aquisição da sabedoria, pois aquelles que desprezam a virtude nunca poderão lisonjear-se com fundamento de terem adquirido uma sciencia solida e fructuosa, porque *a sciencia nunca entrará n'uma alma perversa, nem habitará n'um corpo sujeito ao*

peccado (1). Esta preparação da alma que dimanava da virtude, existiu em Thomaz d'Aquino não só n'um grau eminente e supremo, mas até digno de ser divinamente consagrado por um signal refulgente e miraculoso.

E na verdade, tendo triumphado d'uma tentação extremamente perigosa da voluptuosidade, o casto adolescente obteve de Deus, como recompensa da sua coragem, trazer em volta dos rins um cingulo mysterioso e sentir ao mesmo tempo completamente extincto o fogo da concupiscencia.

Desde então viveu como se tivera sido isento de todo o contagio do corpo, merecendo ser comparado aos espiritos angelicos, tanto pela innocencia, como pelo genio.

Por este motivo Nós julgamos o Doutor Angelico digno, sob todos os respeito, de ser escolhido como Padrociro dos estudos.

E, ao pronunciarmos este juizo com o mais intimo jubilo, abrigamos no espirito a profunda convicção de que o patreccio d'este grande homem, d'este grande Santo, dará um potente impulso para a restauração dos estudos philosophicos e theologicos, em grandissimo proveito da sociedade. Porquanto, desde que todas as escolas catholicas se collocarem sob a direcção e tutela do Doutor Angelico, ver-se-ha florescer desembaraçada e desafogadamente a verdadeira sciencia bebida em principios certos e desenvolvendo-se n'uma ordem racional, Doutrinas puras produzirão costumes puros, quer na vida particular, quer na vida publica, e os bons costumes terão por consequencias a salvação dos povos, a ordem, a pacificação e a tranquillidade geral.

Aquelles que se consagram ás sciencias sagradas, tão violentamente atacadas nos nossos dias, depararão nas paginas de S. Thomaz d'Aquino com meios amplissimos para demonstrarem os fundamentos da fé christã, para persuadirem os espiritos das verdades sobrenaturaes e para defenderem victoriosamente a nossa Santissima Religião contra as criminosas investidas dos seus inimigos.

E comprehendam bem todas as sciencias humanas que ellas não serão por isso nem entorpecidas, nem retardadas na sua marcha, mas, pelo contrario, estimuladas e engrandecidas: quanto á razão, ella reconciliar-se-ha com a fé e sob a guía e direcção d'esta caminhará á investigação do que é verdadeiro.

Finalmente, todos os homens ávidos de saber, instruidos pelos exemplos e preceitos d'um tão grande mestre, se habituarão a uma vida d'inteira e rectidão; e abandonarão aquella sciencia que, separada da caridade, infatua os espiritos e os extravia, trocando-a pela sciencia legitima que, procedente do *Pae das luzes e do Senhor das sciencias*, igualmente conduz a Elle.

Aprouve-Nos pedir sobre este assumpto o parecer da Sagrada Congregação dos Ritos; e tendo sido plenamente concorde com os Nossos votos o seu parecer unanime, Nós declaramos, em virtude da Nossa Auctoridade Suprema, para gloria do Deus Todo-Poderoso e do Doutor Angelico, para o progresso das sciencias e para utilidade commum da sociedade humana, o Doutor Angelico S. Thomaz de Aquino Padroeiro das Universidades, das Academias, dos Lyceus, das Escolas Catholicas, e Queremos que seja por todos honrado, venerado e tido como tal; devendo, todavia, entender-

se que não é Nossa intenção fazer para o futuro alteração alguma no culto dos Santos que algumas Academias ou Lyceus podem ter escolhido para padroeiros particulares.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, sob o annel do Pescador, em 4 d'agosto de 1880, terceiro anno do Nosso Pontificado.

THEODOLPHO, *Card. Mertel.*

SECÇÃO RELIGIOSA

O Protestantismo em miniatura apresentado ao tribunal do senso commum dos portuguezes

Carta de um parochio a um moço seu antigo parochiano o qual estando n'uma cidade da Europa para aprender um officio, se achou em grande perigo de perder a fé, e tornar-se Protestante.

A...., 17 de Maio de 1880

Meu Amigo e Filho Carissimo em Nosso Senhor Jesus Christo.

Grandes tem sido a minha surpresa, e o meu pezar no sabor, poucos dias ha, da bocca mesma de seus paes, as duvidas e perplexidades de que Vm. se acha agitado a respeito de nossa Santa Fé, e a quasi determinação que tem tomado de se tornar Protestante. Parece que a leitura de certas folhas religiosas protestantes, e as fortes razões de um certo Ministro, como Vm. se expressa na carta dirigida a seus paes, o estão determinando a dar este passo.

Meu filho! Eu não posso acreditar que V. se tenha já esquecido do affecto que sempre lhe tenho tido, e do vivo interesse que sempre tenho tomado pelo seu bem. Nem poderia eu deixar de ter para com V. este affecto, e este interesse, pois com muita razão, e por muitos titulos, posso e devo considerá-lo como filho meu carissimo em Nosso Senhor Jesus Christo. E na verdade, fui eu que o regenerei nas aguas santas do Baptismo; eu lhe ensinei as primeiras noções da doutrina christã: de mim aprendeu a dar os primeiros passos no caminho do Céu; commigo abriu pela primeira vez a sua terna alma no Sacramento da Penitencia; e eu enfim, fui que o preparei para recobrar no seu coração pela primeira vez o Pão dos Anjos. o Corpo

Sacrosanto de Christo Senhor Nossco. Por outra parte V. não pôde ignorar quão grandes sejam o respeito e a confiança de seus bons e muito afflictos pais para commigo. De sorte que, não sómente para satisfazer aos ardentos desejos d'elles que querem que lhe escreva, senão tambem, e principalmente para obedecer á voz da consciencia, que me manda fazel-o, lhe dirijo esta carta com o intento e a esperanza de o confirmar na fé de Nossa Santa Madre Igreja Catholica. Ao chegar-lhe a presente, eu me figuro, que o achará no mesmo estado de indeterminação em que estava, quando oscreveu ultimamente a seus pais; mas se por desgraça, tiver cahido já no abysmo da apostasia, isto é, se já se tiver tornado Protestante, filho meu! não difira um só instante em tornar ao seio de Nossa Santa Fé; non remetta a outro tempo a sua conversão, porque os juizos de Deus são terriveis.

Leia, releia, e considere bem esta carta; e se o seu coração ainda não está corrompido de todo, ou endurecido de todo na culpa, eu confio muito que ella, pela graça de Deus, produzirá o seu effeito. Ouça pois; para o confirmar na fé de nossa Santa Igreja Catholica, parece-me que o melhor meio é dar-lhe uma idéa geral do Protestantismo, em proporções limitadas sim, mas tal como em realidade é, e como a Historia e os factos nol-o apresentam, e não como os Ministros Protestantes o pintam nos singelos nas suas folhas, livreccos e discursos religiosos e privados. Considere pois commigo: 1.º o Protestantismo em si mesmo; em 2.º lugar, o Protestantismo nos seus Fundadores; em 3.º lugar, o Protestantismo nas suas Consequencias; em 4.º lugar, os Fundadores do Protestantismo e o Protestantismo no juizo dos mesmos Fundadores e Protestantes; em 5.º lugar, Deserções do Protestantismo, ou Conversões de Protestantes á Igreja Catholica; em 6.º lugar, a Propaganda Protestante. Poucas palavras sobre cada um d'estes pontos. Tanto bastará para lhe patentearem o Protestantismo no seu complexo como em **MINIATURA, LEVADO AO TRIBUNAL DO SENSO COMMUM** de V., para que V. se o conhece mal, ou não o conhece de nenhum modo, possa finalmente conhecê-lo de véras, e bem. E a fim de dar mais peso á minha palavra, não farei senão allegar a auctoridade de escriptores de grande fama e as mais vezes de escriptores protestantes muito distinctos. Começemos:

1.º *Protestantismo considerado em si mesmo.*—«O principio fundamental, unico universal do Protestantism éo

que todo o homem ha de buscar a sua Religião na Biblia, e que não ha-de admittir senão o que elle proprio acha n'ella» diz um douto escriptur (Gau-me, Cath. de Pers. T. VI.) Ora pois, por pouco que se considere esto principio immediatamente se vê que o Protestantismo está tão longe de ser a verdadeira Religião, que nem sequer merece o nome de RELIGIÃO. Porque, RELIGIÃO, da palavra latina *ligare* ou *religare* quer dizer laço, vinculo, e denota aquelle laço ou vinculo que une o homem a Deos, e os homens entre si com o laço d'uma mesma crença, e das mesmas praticas religiosas no culto de Deos. Ora pois, que Religião pôde ser essa do Protestantismo que deixa o homem entregue a si mesmo para que creia o que lhe parece dever crer, e pratique o que lhe parece dever praticar? Ora a isso effectivamente se reduz todo o Protestantismo. «O Symbolo do Protestantismo pôde-se reduzir a este só artigo: creio tudo o que me parece verdadeiro; e o seu Codigo de Moral a est'outro: hei-de praticar tudo o que me parece ser bom», diz tambem o acima citado escriptur. De maneira que não é nem pôde ser estranho, que esta pretendida nova Religião, desde o seu berço, tenha ido sempre dividindo se em innumeraveis e differentes scitas, todas fundadas na Biblia, todas oppostas umas ás outras, sempre mutuamente combatendo-se, e lançando-se maldições, e só colligadas no odio commum contra a verdadeira Igreja de Christo. Isso não é de nenhum modo estranho; pois «a palavra de Deus, diz um grande escriptur Protestante, M. Vinet, sem duvida alguma não pôde ter senão um só sentido, mas no espirito do leitor elle terá mil differentes sentidos.» E com effeito, Luthero, o pae do Protestantismo, ainda vivia, e entre os seus discipulos tinham formado já 34 differentes religiões. No decurso do primeiro seculo do Protestantismo appareceram mais de duzentas differentes scitas Protestantes, diz um escriptur; e o numero d'ellas hoje em dia é tão crescido que é impossivel quasi podel-as contar todas. Ea cidade de Londras sómente, e seus lugares circumvizinhos tem mais de cem, inimigas umas das outras, e só unidas no odio commum contra a Igreja Catholica. Ora, pois, filho meu! eu appello para o seu senso commum; parece-lhe poder ser esta a verdadeira Religião de Christo Senhor Nosso? Como! Jesus Christo fundava a sua Religião na Biblia, segundo estes senhores, e nem sequer uma só vez podemos achar na Biblia que Elle tenha, não digo, mandado, mas pelo menos exhortado, os seus discipulos a es-

crever o que lhes dizia e ensinava!... Como! Jesus Christo fundava a sua Religião na Biblia, segundo estes senhores, e entretanto Elle sabia muito bem que a maior parte dos homens não sabia, nem saberia ler! e que a maior parte do genero humano morre antes de chegar á idade de 12 annos, isto é, antes de ser capaz de ler o interpretar a Biblia!

Por outra parte, so Christo fundou a sua Religião na Biblia, que podem significar aquellas palavras que Elle disse e repetiu a S. Pedro, primeiro chefe da sua Igreja: *apascenta os meus cordeiros; apascenta as minhas ovelhas?»* (S. João, XXI, 15, 17), que podem significar aquell'outras palavras de Christo: *«se não ouvir a Igreja, tem-o por um gentio, e um publicano?»* (Math. XVIII, 17). Se a Religião de Christo consiste na Biblia deixada á particular interpretação de cada qual, segundo os Srs. Protestantes, as referidas palavras do mesmo Christo a contradizem abertamente. Por ultimo, pergunte V. aos Protestantes e a seus Ministros, de quem tomaram elles a Biblia, não foi acaso da Igreja Catholica? E por ventura a Igreja Catholica disse-lhes que cada um podia interpretar este livro como melhor lhe parecesse?—Digo mais, toda a Religião de Christo existia, e os christãos a praticavam inteira e perfeitamente. e este livro ainda não tinha apparecido. Baste me citar duas auctoridades Protestantes: Somler, um dos mais celebres theologos Protestantes diz: *«Muito ignorante da Historia mostra-se aquelle que confunde a Religião Christã com a Biblia, como se antes da Biblia não houvesse havido christãos»*, e Lessing, outro escriptur Protestante, ainda mais celebre, diz: *«Toda a Religião de Christo era já praticada, e entretanto nenhum dos Evangelistas, ou dos Apostolos tinha ainda escripto.»*

(Continúa.)

P.º PAULO SLAVINO.—C. M.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Ainda a perversão philosophica

Depois de termos manifestado aos leitores do *Progr. sso Catholico* os erros monstruosos de Krause, que um escriptur anonymo de Coimbra desejava propagados entre nós, mostramos no artigo precedente que Tiberghien, discipulo de Krause não é menos perti-

do, menos hypocrita e menos impio do que o mestre.

O que nos moveu a fallar de Tiberghien foi vermos annunciada em um jornal do Porto uma obra d'este malvado escriptur. Hoje fallaremos de uma outra obra impia, ha pouco annunciada tambem pelo mesmo jornal portuense.

A obra intitula-se:

Teoria de la immortalidad del alma y de las penas y recompensas de la vida futura. E' seu auctor D. Juan Alonso Eguilaz.

Esta obra foi já refutada em 1873 pelo eximio philosopho Zepherino Gonzalez em sua excellente obra—*Estudios religiosos, filosoficos y sociales.*

Zepherino Gonzalez, depois de resumir em cinco proposições as doutrinas absurdas expostas e defendidas por Eguilaz, exprime-se assim:

«Ao lêr as cinco proposições nas quaes acabamos de synthetisar e resumir a theoria do snr. Eguilaz sobre a immortalidade da alma, transcrevendo suas proprias palavras, quanto nos foi possivel, surge naturalmente conhecer as razões e solidos fundamentos em que estriba una theoria tão peregrina, tão opposta á crença ou senso commum do genero humano e tão incompativel com a doutrina catholica e ensino do Evangelho. Desgraçadamente não é possivel satisfazer este desejo tão natural em qualquer homem pensador, pela simples razão de que esses solidos fundamentos não existem... Não sabemos se este escriptur costumado a caminhar pelas alturas da philosophia krausista, se desprezará de descer a allegar provas ante os que appellida com notavel modestia *aprendizes de philosophos.*»

«Talvez se julgue com direito de ser erido sobre sua propria palavra, ou para melhor dizer, sobre a palavra de Krause, ao qual pertence na realidade sua theoria; sem prejuizo, por supposto, de redicularisar o *ipse dixit* dos pythagoricos... Em todo o caso, nós, sem sermos livres-pensadores, nem menos partidarios da autonomia absoluta da razão humana, temos por maxima fundamental não assentir ás cégas ao dito de outro homem, nem menos admittir como verdadeiro o que em solidas razões não se apoie, com especialidade quando se trata de materias scientificas e philosophicas, nos cremos com direito legitimo para negar affoutamente quanto nas indicadas proposições affirma o snr. Eguilaz, e isto pela simples e unica razão de que *quod gratis affirmatur, gratis negatur*: «o que gratuitamente se affirma, gratuitamente se nega.»

«A theoria do snr. Eguilaz acerca

da immortalidade da alma e seu destino futuro, é pura o simplesmente uma applicação plagiaria da theoria de Krause com relação a Deus, acompanhada ou modificada por certas affirmações e reminiscencias espiritistas. Com effeito: assim como para Krause Deus é a realidade toda inteira, a essencia una, infinita, absoluta, fóra e sobre todo o genero, porém que ao mesmo tempo constitue «a totalidade da essencia fóra da qual nada ha, na qual existe tudo quanto existe», assim tambem para Eguilaz a alma é a realidade essencial e unica, o verdadeiro ser, a essencia substancial do homem, fóra e sobre o corpo e o espirito, porém incluindo o que ha de real n'estes, assim como Deus, apesar de ser uma essencia fóra e sobre todos os seres determinados, inclue (no dizer de Krause) a realidade d'estes, posto que «na totalidade de sua essencia existe tudo quanto existe.»

Para Krause, Deus existe no Espirito e na Natureza, sem ser determinada e exclusivamente nenhuma d'estas duas coisas: o Espirito e a Natureza, ou mais claro, os espiritos e os corpos são duas manifestações, duas phases, duas determinações da essencia divina, a qual communica e dá sua essencia ao universo sem perdela (que impiedade!). Para Eguilaz, a alma constitue a realidade interna e essencial do corpo e do espirito do homem, d'onde resulta que o corpo e o espirito, em quanto alma, são fundamentalmente eguaes (que ultrage ao sonso commum!): d'aqui resulta tambem que o corpo e o espirito constituem duas manifestações ou modos de ser da alma.»

«Crendo desnecessario levar mais longe este parallelo entre a doutrina de Krause e a de Eguilaz, passaremos a indicar, ao menos, ligeiramente, a afinidade e relações que existem entre a theoria do ultimo e a doutrina espiritista» (1).

«E' verdade que aquillo a que o snr. Eguilaz chama espirito, que consta de braços e pernas espirituaes, que possui fórmulas organicas, e que deixa na morte um cadaver espiritual, é mui parecido, se não é completamente identico, ao que os espiritistas denominam *perespirito*...»

«Temos visto tambem que na theoria do snr. Eguilaz as transformações e vivificações successivas da alma se verificam constantemente em progressão

ascendente de melhoramento, de maneira que na segunda a alma adquire uma organização mais perfeita que na primeira, brotando d'ella um corpo e um espirito melhores o mais perfeitos que os que antes possuia. Ouçamos agora o grande pontifice do moderno espiritismo, tendo presente que o que os modernos espiritistas appellidam *espirito* é o que Eguilaz appellida *alma*, assim como o *perespirito* d'aquelles é o espirito do segundo. «A marcha dos espiritos é progressiva e jámais retrograda, elevando-se gradualmente na gerarchia e não descendo nunca da classe a que uma vez chegaram... A medida que o espirito se purifica, o corpo que reveste se approxima egualmente á natureza espiritista. A materia é menos densa... percebe com os olhos do corpo o que nós só vemos com o entendimento.» «E' necessario que o espirito se ache revestido de alguma materia para obrar sobre esta; porém a envoltura é mais ou menos material, segundo o grau de pureza ao qual tenham chegado os espiritos; e isto é o que constitue a differença dos mundos que devemos percorrer» (1). Ate aqui Allan Kardec.

«Finalmente, continúa Gonzalez, sabido é que um dos dogmas fundamentaes do espiritismo é a *reincarnação*, ou a pluralidade de existencias successivas para o homem. «A doutrina da reincarnação, escreve o citado Allan Kardec, quer dizer, a doutrina, que consiste em admitir para o homem muitas existencias successivas, é a unica que corresponde á idéa que formamos da justiça de Deus com relação aos homens collocados em uma condição moral inferior, a unica que póde explicar-nos o porvir» (2).

«Se escutarmos agora, diz Gonzalez, o auctor da *Theoria de la immortalidad del alma*, o veremos admitir o principio da transmigração e da reincarnação da alma não sómente a respeito do porvir, como os espiritistas, mas tambem a respeito do passado; de maneira que, em sua opinião ou theoria, nossa alma, antes de ser homem o constituir a essencia d'este, tem sido animal, planta e até mineral, doutrina que envolve a profissão do materialismo em toda a sua hediondez, embora pretenda attenuar em parte a repugnancia que inspira á recta razão, apresentando-se sob fórmulas pantheistas. Ouçamos suas palavras: «O que aqui devo acrescentar é que, como resultado logico de tudo isto, o prin-

cipio da transmigração é o que rege essa elevação e esse ennobrecimento progressivo do Universo.. Quando um sêr (uma planta, um animal, um homem) chega ao instante de sua morte, sua alma, isto é, sua unidade fundamental, avança um passo na escala da vida, e se cria por si mesma seu novo corpo e seu novo espirito, corpo e espirito que brotam d'ella.. como as côres brotam da luz ao atravessar esta um prisma de crystal. E não se ache estranho que estenda eu agora á planta e ao animal o que antes disse só do homem, e que attribua a uma e ao outro um corpo e um espirito. Nada do que possui um ser superior, como o homem, deixa de existir, ainda que em estado mais rudimentar, nos seres inferiores; e assim cada animal, o mesmo que cada arvore ou cada mineral, teem combinados um elemento material e um elemento espiritual, que são determinações parallelas de sua essencia. Ao morrer, pois, um ser (qualquer que seja) renasce novamente com condições mais perfeitas, graças á pratica vital que levou a cabo em sua anterior existencia... Os homens todos procedemos, por conseguinte, de vivificações passadas, em que, debaixo de fórmulas mais humildes, nos temos ido dispondo para alcançarmos o grau de dignidade em que nos encontramos.» Até aqui Eguilaz.

«Julgaríamos, diz Gonzalez, fazer injuria a nossos leitores, demorando-nos em combater uma doutrina tão absurda como ridicula. Por outra parte, já deixamos demonstrado que as affirmações que lhe servem de base e antecedente, assim como a theoria da alma, com a qual se acha relacionada, são affirmações completamente gratuitas, destituídas de fundamentos racionais e oppostas a demais ao senso commum dos homens. Aqui, como em toda a theoria do snr. Eguilaz, a ciencia e a razão natural pura, não descobrem nem podem descobrir mais que um conjuncto informe de pantheismo krausista, de espiritismo e de materialismo.»

«Para todo o homem dotado do uso normal de sua razão, embora não tenha saudado as sciencias philosophicas, a alma humana passando do mineral á planta e d'esta ao bruto, para transformar se finalmente em homem; a alma humana, residindo no mineral ou na pedra, e produzindo alli um corpo e um espirito; o homem, enfim, sahindo do mineral, ou melhor dito, identificando-se com o mesmo em quanto á sua essencia e substancia intima, são coisas que não merecem mais refutação nem resposta que a que dava em outro tempo Santo

(1) A doutrina espiritista é a ensinada por uma seita impia que tem procurado introduzir-se em toda a parte, e que em Hespanha tem sido muito ebatida

(1) Allan Kardec, *le livre des Esprits*, liv. 2.º

(2) Allan Kardec, livro citado.

Agostinho aos discipulos de Epicuro: «*Pudet me ista refellere.*»

«Os materialistas do seculo passado e os discipulos de Voltaire, La Metrie, Holbac e quejandos dispensavam-nos demasiada honra ao fazer-nos proceder do macaco ou do orangotango; preciso é que rebaixemos nossos fumos, contentando-nos com paes mais humildes; uma pedra bérroquenha ou uma sarya nos bastam e sobram, segundo os descobrimentos de nosso moderno philospho.»

(Continúa)

P.º *Christim Caetano Ferreira Tavares*

SECÇÃO HISTORICA

Apontamentos para a historia de Guimarães

Um dia, missionando em Guimarães alguns jesuitas, prégava a um auditorio numerosissimo o erudito padre Carlos Rademaker.

Findo o sermão, o largo em frente ao vetusto templo de S. Francisco, era repleto de povo, entre o qual se principiava a ouvir um surdo rumor, uma certa inquietação, um mal-estar que não era dado a ninguem explicar. As damas da primeira sociedade, as elegantes e formosas damas vimearanenses, apesar das sombras da noite, que cahiam já sobre a cidade, não sahiam da igreja! O povo foi-se a pouco e pouco retirando, mas pela cidade espalhou-se rapida, tetrica, uma voz que poz em sobresalto todos os habitantes d'esta terra: — *O Padre Rademaker fechou as portas da igreja e deixou lá ficar todas as mulheres.*

O que então se disse, não vem para aqui dizer-se, mas cremos que se tomaram algumas medidas preventivas e não sabemos ao certo se se chegou a pedir instrucções ao governo, se a tropa foi posta em armas, e se as auctoridades esperavam a cada

instante os paes e os maridos a pedir-lhes força para tirar das garras dos jesuitas as esposas e as filhas. O que é certo é que eccoou um grito horroroso contra o padre Rademaker,

«As mães que o som terribil escutaram
Aos peitos os filhinhos apertaram.»

Afinal que havia de ser? O Padre Rademaker dirigira-se só ás damas, porque era d'ellas que esperava a realisação dos seus desejos — fundar aqui, na terra dos Damascos e dos Alfonsos a santa, a caridosa, a admiravel Associação das filhas de Maria.

Ainda assim, depois de xplorado o caso, e dos maridos e os paes verem as esposas e as filhas chegar a casa sãs e salvas, *livres de perigos e de vergonhas do mundo*; ainda assim ficaram de pé atraz, como se costuma dizer, e não perdiam de vista as taes filhas de Maria. Principiaram a ir ás reuniões, enchiam-se as igrejas onde ellas se faziam, e vendo que se não tratava d'outra coisa que alervorar a piedade, a devoção e a caridade das senhoras que formavam a poetica associação, os homens deixaram de frequentar as reuniões e hoje apenas as damas alli vão.

O que fazem, o que tem feito essas filhas da Virgem; as lagrimas que tem enchugado; as miserias que tem soccorrido; as desgraçadas que tem salvado, são hoje a corôa que lhe orna as fronte, são hoje motivos para as bençãos que lhe cahem do céu, e, o que mais é ainda, são um protesto contra os temores que se levantaram, são o orgulho de Guimarães, que bem diz o sabio jesuita.

Mais tarde lembrou-se alguém de trazer para aqui algumas irmãs hospitaleiras para o asylo de Nossa Senhora da Consolação e dos Santos Passos. Novos receios, novos gritos, novos protestos. Não faltou quem julgasse

as pobres irmãs a guarda avançada do absolutismo; quem visse no cordão que lhe cinge a cintura a corda com que se haviam de enforcar em pleno Toural os amigos da *liberal constituição*, e quem lobrigasse entre as paginas dos livros de orações, que ellas usam, o hymno do *Rei chegou*, para ellas ensinarem as creancinhas a cantar:

Fóra malhados, fóra patifes, etc.

Tudo isto se esperava das inoffensivas filhas da caridade!

Ellas, porém, vieram, e apesar de aqui estarem ha uns poucos de annos, o snr. D. Luiz I é ainda o rei d'estes reinos, e os sinos do Campo da Feira continuam a tocar o hymno de S. M. e da Carta. O cordão, não nos consta que sahisse da cintura das Irmãs para em plena praça obrigar a votar alguns a lingua de fóra, espantado do seu engano, nem as creanças foram ainda para casa cantar o *Rei chegou!* Antes pelo contrario, vemos que todos aqui estão contentes com ellas; que muitos cavalheiros respeitabilissimos, que não faziam tenção de se alistarem como irmãos do Senhor dos Passos, o tem feito para suas filhas poderem ser admittidas como alumnas na escola dirigida pelas irmãs hospitaleiras. Mais tarde vieram para os hospitaes e tudo continuou na mesma, só com a differença de serem mais bem tratados os pobres e mais bem zelados os interesses das casas que as admittem.

Depois tratam de fundar a Conferencia de S. Vicente de Paulo, e nova gritaria se levanta. Um *ribeiro* que por ali corre sem agua e sem cousa com que a compre, chegou a ver no P.º Senna Freitas um inquisidormór (para certos *sabios* os lazarristas são jesuitas, e estes inquisidores!) e em cada membro da Conferencia um espião do Santo Officio. Principia a funcionar a

obra de S. Vicente de Paulo. O P.º Senna Freitas retira-se para o seu ermo de Santa Quiteria; os membros da Conferencia, em lugar de agarrarem victimas para as fogueiras, procuram com avidéz onde ha miseria que soccorrer, onde ha fome, que saciar, onde ha lagrimas que estancar, onde ha nús que vestir. Depois a miseria desaparece; os famintos tem pão; as lagrimas são estancadas, e vestidos os nús.

Tudo se convence de que é boa a obra de S. Vicente; todos bemdizem o P.º Senna Freitas.

Mas agora outra desgraça se annuncia para Guimarães, e esta é sèria, esta merece sèrias attentões. *A Religião e Patria* do dia 18 de agosto, depois de transcrever o que o *Progresso Catholico* dissera em seu n.º de 15 de agosto ácerca do estabelecimento n'esta cidade d'um collegio de jesuitas, acrescenta:

«Tambem nós, como o nosso excellente collega, e cremos que comnosco todos os habitantes d'esta terra, desejaríamos bem que os benemeritos padres se lembrassem de estabelecer um collegio, aqui, onde faltam infelizmente todos os recursos d'uma educação esmeradamente culta e christã.

Se se realisasse, que grande beneficio para esta terra não seria esse!»

Ora aqui está! Agora trata-se nada menos, que trazer para aqui os padres jesuitas, e ainda para mais, levados para a Costa, para aquella formosa casa, habitada desde 34 pelos ratos e morcegos! Que pena! Estão bem servidos! Olhem, jesuitas em Gui-

marães, e n'um sitio tão ameno, tão poetico como é a Costa!

Aquillo, aquella grande casa, vae ser toda occupada em prisões inquisitoriaes (vêde *ribeiro* e quejandos) e a grande cerca, os seculares castanhaes empregados em alimentar as fogueiras!

Que será das damas vimaranenses, quando em dia de Santa Marinha quizerem ir ver o lago, que será então um grande braseiro, onde os ferozes jesuitas as lançarão com grandes tenazes! Aquillo vae ser um chlar de carne a assar-se que vae metter medo a meio mundo! Nem escapam os penedos da Penha!

Aquelles *malvados* são capazes de os tombarem para a Costa e obrigar a gente a pegar n'elles ás costas, e estar assim sem comer nem beber 40 dias como o dr. Tanner.

Jesus Senhor, que desgraça! Nem o snr. conde de Margaride, que é o chefe do partido regenerador n'esta cidade e concelho, terá forças, para dizer ao orgão do mesmo partido, a *Religião e Patria*, que nem todos queremos os jesuitas? Pergunta-lhe, Senhor, *Quem lhe deu poderes para dispor tão abertamente do criterio e da opinião dos seus conterraneos?*

Ai, Senhor! *A grande maioria dos habitantes d'este concelho é, e sempre foi liberal, e por tanto nem consente que lhe cerceiem as suas prerogativas, nem abdica em ninguem os seus direitos...*

Ai, Senhor, quem nos ha-de salvar! Se elles vem!.. os jesuitas! que desgraça! que desgraça!

Mas não será assim! Os je-

suitas, se vierem e com elles os frades de todas as ordens, servirão para provar quam infundados são os receios dos que os não conheciam, e que as desgraças que se teme elles tragam, serão iguaes ás que as filhas de Maria, as irmãs hospitaleiras, e a Conferencia de S. Vicente de Paulo trouxeram.

Os jesuitas, se Guimarães tiver a felicidade de os recolher dentro de seus muros, terão em cada um dos que os maldizem um amigo; em cada creança um filho a quem distribuir a solida instrucção; em cada pobre um irmão com que repartir o pão da sua mesa.

Estamos certos d'isto, e Deus queira que elles venham para desmentir os maus, para illucidar os illudidos e para alegrar os que os conhecem e desejam.

Se os jesuitas viessem e fossem habitar o convento da Costa, seria este convertido em aprazivel vivenda, d'onde a luz jorrasse formozza e bella; a cerca seria um eden, como o são todas aquellas onde não tenha cahido a maldição de Deus. As damas, quando lá fossem, encontrariam a mais franca hospitalidade, seriam recebidas com o sorriso nos labios e despedidas com agradecimentos pelos educadores de seus filhos; e Guimarães teria hymnos de louvor com que saudal-os, hymnos que não deve aos governos liberaes, que tem a liberalidade de gastar com a instrucção de seus filhos a enorme somnia de 90\$000 rs. annuaes.

Z.

SECÇÃO LITTERARIA

HOMENAGEM

Á MEMORIA DA DISTINCTA POETISA MADEIRENSE A EX.ª SNR.ª D. ARSENIA DE BITTENCOURT MIRANDA

Descança! se no ceo ha luz mais pura, de certo gozarás n'essa ventura do justo a placidez!

CASIMIRO D'ABREU — Primavera.

Porque choral-a, se foi gotta de luz, aos infinitos alada no cortejo dos archanjos, mandados do Senhor buscal-a á terra, no diadema de Deus brilhar mais pura?

SILVINO VIDAL.

I

Pendeste tua fronte ao sol da vida qual rosa desmaiada! Morreste no fulgor da mocidade á luz d'uma alvorada!

Voaste para o céo, onde mer'cias a c'rôa do teu genio! Alli, n'esse esplendor o Magestade, terás o doce premio!

Na terra que se colhe? Espinhos sempre, e prantos e desditas!... Recebe do Senhor a gloria immensa... no céo é onde habitas!

Terás na eternidade irmãos ethéreos vibrando melodias! Faz parte d'esse côro que se nutre d'eternas harmonias!

No mundo te ficaram dôces cantos nas vozes da pureza! São per'las que se guardam, suspirando, no meio da tristeza!

« São perolas de ophir em concha fina » guardadas com primor; são joias d'alto preço, indefinidas, de mimo e de valor!

Teus paes hão de rever-se, meditando, nos hymnos que legaste! Ai! hão de recordar-se dos mysterios, das prendas que levaste!...

.....

II

Supplica do meu Deus, na esphera immensa, tão vasta e luminosa, nos mande para a terra, em fios d'ouro, do céo a luz formosa!

.....

Não sabes quem eu sou! Porém attende a minha adoração! São vozes que se perdem n'um só ecco, mas são do coração!

Madeira.

JOAQUIM PESTANA.

Theophilo Braga apreciado por um dos seus

Das ideias pedantesamente atrevidas e extravagantes do professor do curso superior de letras, já de ha muito que nos riamos; mas o que não esperavamos era que um jornal que nada differe d'elle quanto a religião, dêsse aos seus numerosos leitores um artigo como o Progresso Catholico o daria ao referir-se ao chefe d'um partido que provoca a gargalhada de naturaes e estrangeiros.

Eis o artigo:

«Andam por este nosso paiz, atarefados na grande obra da regeneração social, uns pseudo-reformadores, que se dizem depositarios das ideias novas, e que protestam trazer em suas doutrinas a salvação da hu-

manidade. Não os favorece em sua propaganda o numero dos catecumenos, nem suppre essa falta a qualidade dos apóstolos; mas nem por isso se mostram menos audazes nas suas affirmativas cuspiendo os seus sarcasmos sobre todas as crenças, desdenhando de todos os homens notaveis, desacreditando todas as instituições sociaes, e ameaçando, com impertinente arrogancia, revolver a sociedade desde os seus fundamentos.

Acodem-nos estas reflexões ao vermos diante de nós o primeiro numero de uma galeria de homens illustres, que abre com um retrato do snr. Theophilo Braga, biographado pelo snr. Ramalho Ortigão. O artista cercou a figura d'aquelle professor e litterato de varios disticos e emblemas, para assignalar melhor os caracteres, que o

recommendam á admiração da mocidade esperançosa; e um dos dizeres, que se lê em letras fulgurantes, é este:—atheismo! Os pontífices da nova seita social são atheus. O snr. Theophilo Braga, tendo nas mãos um facho, como symbolo das verdades, que ensina, appella para a ideia nova, faz-se promotor da revolução social, e diz ao povo: não ha Deus!

Esta ideia da negação de Deus, que se vê ser a pedra fundamental da cartilha d'estes reformadores, é tão velha como o é a loucura. E certo que não a pode haver maior, entre os desvarios do espirito humano. Sempre o atheu foi apontado como um animal raro, mais extraordinario em meio de um povo culto, do que o masthodonte em meio da vida moderna. O atheismo considera-se menos como um systema fi-

losophico, do que como uma aberração do bom senso e do bom entendimento. Comprehendem-se as dissidencias religiosas, que teem como fundamentos divergencias de dogma ou de disciplina; mas em todas ellas existe a crença na Divindade. E' um sentimento universal. Pertencia aos novissimos reformadores fazer d'essa anomalia um systema, e apresental-o como formula de progresso para a regeneração dos estados!

Avalia-se por isto o que ha a esperar d'ellos. Veja-se o que é e o que pôde valer no nosso paiz um partido que se affirme por taes monstruosidades! E' o snr. Theophilo Braga um dos seus corifeus, e por sem duvida um dos seus membros mais illustres, senão o mais illustre; é o snr. Ramalho Ortigão um dos seus publicistas mais buliçosos e sonoros. Pois em começo de uma galeria de homens illustres do nosso paiz, a chave de ouro, que a abre, é a biografia de um homem, ao qual se põe como legenda gloriosa uma declaração de atheismo! Para aggravar a offensa, vê-se ao lado d'aquella legenda o vulto de Camões. O grande poeta, que tão alto punha a ideia de Deus, e que tão profundo respeito tributava á monarchia, anda agora feito pareeiro obrigado de todos os delirios de atheismo e de republicanismo falsificado!

Estes nossos *espíritos fortes* estão na febre das demolições. Se não passeiam a deusa *Razão* em triumpho pelas ruas, passeiam-na nos seus escriptos e nos seus desenhos. Naturalmente, acham que Robespierre foi um conservador e um retrogrado, porque restabeleceu o culto da Divindade. Vão mais longe do que o famoso tribuno da *Montanha*. Para elles não ha Ente Supremo, de nenhum modo nem fei-to. São em tudo radicacs. O mesmo na religião, que na politica. Em religião, declaram-se atheus; em politica, filiam-se na escola, que produziu os crimes sangrentos da communa

Ainda assim, não maldiremos a liberdade, tão grande no nosso paiz, que permite que o professor de um estabelecimento subsidiado pelo estado possa insurgir-se abertamente contra as instituições fundamentaes d'elle. Foi o curso superior de letras, de que é professor o snr. Theophilo Braga, fundado por el-rei o snr. D. Pedro V, que era um monarcha muito piedoso. Pois é ali que se aninha um escriptor, que faz profissão publica de principios subversivos da sociedade! Poderão osmeticulosos objectar-nos, que não é isso já liberdade, senão desenfreada licença. Embora! Liberdade ou licença, ella permite que se faça a exposição publica d'estes desvarios, como outr'ora em Esparta se fazia exposição publica dos ebrios para escarmento da mocidade.

(Primeiro de Janeiro).

A CIGANA

108

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

(Continuado do n.º antecedente)

XIII

Isabel, pela prespicacia de sua vista e pelo habito de servir, durante toda a vida, pessoas distinctas, notou logo ao primeiro relance de vista aquella extraordinaria transformação, aquelle typo de verdadeira elegancia, reconhecendo desde logo que uma mão de mestre se havia empregado no vestir e penteado d'aquella creança.

—Tens razão,—disse depois ao seu companheiro—é uma verdadeira marquezza.

—Quando eu o digo...

—Repito que tens razão; mas deixa-me que vá buscar a menina.

—Olha, teremos de nos acostumar-nos a tratá-la por menina?

—E' muito possivel, visto que essa distincta senhora a tomou sob a sua protecção.

—Essa não é má! Tratar com respeito a uma cigana!

—E tu que tão destro és em taes manejos interesseiros, recusar-te-has a isso?

—Que tem uma cousa com a outra?

—Tem mais do que tu pôde imaginar. Estas senhoras sem filhos, que se tornam protectoras de qualquer desgraçada, seja por caridade, ou mesmo, como acontece muitas vezes, por ostentação, querem sempre que se respeitem e se tratem com distincção as suas protegidas; e eu, agora mesmo, ao convidal-a para que me acompanhe, lhe vou dar o tratamento de menina

—E para que a queres trazer?

—Para cumprir as ordens da senhora, que a quer vêr.

—A essa rapariga?

—Sim, sim; e já tenho demorado demasiado. Até logo.

Isabel sahio apressada, abriu a porta do vestibulo, desceu ao jardim e sahio ao campo onde a marquezza e sua filha passavam.

—Menina—disse respeitosamente—a minha senhora deseja vel-a.

—Vae, minha filha;—disse a marquezza—aqui te espero.

Valeria seguiu Isabel, conservando

essa mudez, essa profunda meditação em que estava submersa desde a sua conversação com Julia na capella.

Isabel observando todas as regras da boa educação deixou-a passar e seguia-a a pequena distancia.

Ao chegar á porta do quarto de D. Antonia o medico sahio-lhes ao encontro, deteve pela mão com um modo paternal a Valeria, e perguntou á creada:

—A senhora dorme?

—Não, snr. doutor; agora mesmo me disse que fosse chamar esta menina

—Poderá diminuir-se a luz do candieiro?

—Sim, senhor; tanto quanto se deseje.

(Continua).

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Retiramos o que havíamos escripto para esta secção para dar cabida ao artigo que, acerca do livro do Rev.º Martins Capella a *Roma!* escreveu e publicou na *Palavra* o ex.º snr. conde de Samodães. Ficam portanto para o n.º seguinte as apreciações que devemos a algumas obras recebidas.

F. DE GUIMARÃES.

A ROMA!

Assim denominou o snr. Padre M. Capella os seus esboços e narrativas de viagem. Editou este livro o snr. Teixeira de Freitas, de Guimarães, proprietario do *Progresso Catholico*.

E' ainda referente á peregrinação portugueza a Roma em maio de 1877, reinando ainda o chorado Pio IX.

Este acto de piedade catholica e genuinamente portuguez foi baldadamente ridicularisado pela ignara e dissolvente imprensa dos chamados livres-pensadores portuguezes, incapazes de um sentimento nobre, elevado e generoso.

Estes miseraveis são como os brutos, que não olham senão para o chão, e não são susceptiveis de levantar os olhos para o alto. Para elles, sempre orgulhosos e altivos, nada existe além da acanhada esphera das sensações materiaes, e como nada comprehendem fóra dos instinctos do animal, pensam que fazem uma brilhante figura escrevendo insulsos motejos ou debuxando vergonhosas caricaturas. E como o nivel da dignidade humana baixa visivelmente sob taes inspirações, forvi-

lham nas ruas e nas praças essas rachiticas producções dos engenhos depravados.

Quem quizer aferir o estado de demoralisação e profunda decadencia, em que nos encontramos, não precisa mais do que apreciar a imprensa quotidiana e hebdomadaria e a litteratura, que geme sob os prósos.

Ahi se estampa em caracteres indeliveis a degradação moral dos descendentes dos heroes da Africa e da India. Muito riso, pouco sizo—é proverbio infallivel.

A geração presente ri muito, ri no jornal, ri na caricatura, ri no theatro, ri no livro, ri na musica; a consequencia certa é que o bom senso, e o juizo são-lhe falha completamente.

Assim se um dia de provação chegar, em vez dos poitos esforçados de outr'ora encontrar-se-hão só poltrões, hystriões e jograes.

Quando n'estas circumstancias, apparece um livro, que trata de coisas graves, e não se occupa de banalidades ou de torpezas, é um acontecimento para commemorar-se.

Regosijemo-nos pois com a obra publicada pelo snr. Teixeira de Freitas ácerca da peregrinação a Roma no anno de 1877; a seu respeito diz o auctor com subido criterio, o seguinte :

« Bem hajas tu, patria minha, meu nobre Portugal! Quizeram-te cumplice d'uma infamia, que apadrinhasses o latrocínio da Porta Pia e tu, velho honrado e cavalleiroso, repelliste solememente tal affronta perfilando-te ao lado da innocencia opprimida. Teu posto de honra era ahi, o teu antigo posto, ó leal soldado, ó generoso conquistador de novos mundos!

« E pois que eu vi dares testemunho da tua fé de christão em Lourdes, da tua devoção á cadeira de Pedro em Roma, reconheci-te e reconheci-me com orgulho filho teu.

« De hora ávante, não mais me obrigará a baixar os olhos e córar da minha nacionalidade o estrangeiro desdenhoso; hei-de atravessar a Europa de cabeça levantada porque sou portuguez.

« E quando forem contados teus dias, ó patria minha, ó gigante d'outras eras, baixará á cova amortalhada na tua gloria sem mancha, e teus filhos guardar-te-hão a honrada memoria de geração em geração.

« E na vida do humilde presbytero ficará marcado este dia, d'entre os maiores o maior.

« Graças, meu Deus, por tão signalado beneficio! »

Inquestionavelmente a peregrinação a Roma em 1877 foi um acto de fé, e

um protesto contra a pirataria que espoliou os Estados da Igreja. A historia não apresenta acto mais perfido e indigno do que este. Aquelle que o commetteu já se acha entregue aos destinos eternos, e os seus successores não lograrão muito tempo as vantagens resultantes de tão reprovado procedimento.

A revolução, a cuja frente se collocaram, esmagal-os-ha, e de todas as conquistas nada lhes restará, nem mesmo a antiga, legitima e honrada herança, em que podiam e deviam manter-se, não atacando os direitos alheios e muito menos os do Vigario de Jesus Christo, centro de toda a ordem, da tranquillidade e da felicidade das nações.

A breve narração do sr. Capella a respeito da sua brevissima viagem está bem traçada e vigorosamente descrita. O estylo é correcto e como convinha em assumpto, que se desenvolvia rapidamente em diversos paizes, percorridos com a velocidade do vapor.

Sahido de Braga a 13 de maio depois de receber a benção do venerando antistite, que preside áquella vasta diocese, com tanta vantagem para esta, como lustre para o esclarecido prelado, seguia o peregrino em procura da

Urbem, quam dicunt Romam,

arrastado pela moderna civilisação, que em nada é incompativel com a antiga, se não quando os politicos e escrevinhadores de nossos dias se esforçam por patentear-lhe antinomias.

Reunido aos outros peregrinos da archidiocese e aos do Porto lá o conduz a locomotiva ao Entroneamento, onde fazem junção com a peregrinação de Lisboa, a cuja frente se apresentava um membro do Sacro Collegio, o Exc.^m Sr. Patriarcha, D. Ignacio, que deu o recommendavel exemplo de publica e solememente antepôr aos respetos humanos os sacratissimos deveres da sua consciencia e da sua augustissima posição

Continuam viagem os romeiros através das planuras da Estremadura hespanhola e da Mancha, passando por Madrid, Valladolid, a Guipuscoa e Bayona, e indo fazer a sua preparação para se avistarem com o Vigario de Jesus Christo na deliciosa paragem de Lourdes, santificada com a presença pessoal de Maria Santissima. Apoz brevissima demora proseguem a jornada para Marselha, onde tomam a via maritima, e depois de tocarem em Genova, Livorno e Civita-Vecchia, attingem a grande capital, onde está o Chefê visível da Igreja, o successor

do Principe dos Apostolos, o depositario do poder pleno das Chaves. Era este o alvo de tão longa jornada, o fim de tantas fadigas, o scopo de tão portuados sacrificios. Chega o dia 29 de maio e os peregrinos recebem a maior das consolações, osculando o pé do Pontifice e baixando a cabeça para sobre ella recahir a benção que distribue um homem por ordem do Creator de todas as coisas.

E' sobre Roma que o livro se occupa particularmente. A descripção da séde do catholicismo, da antiga senhora do mundo, e da moderna cabeça de uma revolução liliputiana, é perfeitamente desenhada; rapida e vertiginosa como a viagem, embora se tenham lido centos d'estas narrações, a do snr. Capella é interessante e bastante para deixar uma idéa aproximada do que ha de mais notavel em local, por tantos motivos famigerado.

Passada a audiencia do Santo Padre, parece que a bolsa do presbytero bracarense não permittiu mais demorada citação e furtando-se a curiosidades dispendiosas, contentou-se em saudar as aguas do mar Adriatico proximo a Nossa Senhora do Loreto, onde celebrou missa, e sem mais tardança entregando-se de novo á ligeireza do vapor, atravessou a península italiana, e sem demorar-se na sabbia Bolonha, nem na capital dos reis de Piemonte, aventura-se ao maravilhoso tunnel do monte Cenis para surgir de novo em França, passando sem mais enprimentos por Lyon, Limoges e Bordeus, e volvendo a cara para os Pyreneus, se aproxima rapidamente da fronteira portugueza, onde o espera a elle como aos outros peregrinos a lisongeira e cavalleirosa recepção dos guardas da alfandega de Elvas, que a poucos deixa saudades e menos ainda a quem tem o aspecto dos corvos negros, que a civilisação lusitana antecipando-se á franceza de testa cordalmente.

Eis o quadro que nos pinta e offerece o snr. Capella no seu livro, digno de ler-se, agradável e instructivo, sem coisa que possa fazer duvida aos mais escrupulosos pelo lado da doutrina ou da moral. Ainda que de passagem contém umas allusões politicas, que podiam dispensar-se, porque de ordinario dão ellas um carater á obra, que lhe deve ser estranho. Além d'isto estamos em uma época em que embora nem todos sympathisem com certa ordem de coisas, cumpre-lhes satisfazer com ella, porque para melhor não se vae, e ateimando-se em chamar-lhe má, arriscama-nos a desandar para o lado peor.

Señ embargo o livro é curioso, bem escripto e consciencioso.

Rememora os feitos heroicos dos ultimos valentes, que foram defender a mais alevantada e nobre das causas, a da Santa Sé; cuja perda deixou sem amparo, sem razão, sem egide todas as causas legaes e justas, porque a maior de todas succumbiu ante a violencia e a perfidia. Desde que a Santa Sé foi privada dos seus direitos, e expoliada pelos invasores sem protesto da parte das nações e dos reis, desapareceu o principio do direito, do justo e do bem; não ha monarchia que tenha razão de ser, não ha nacionalidade que possa appellar para os seus fóros, não ha injustiça contra a qual se possa protestar. O direito publico ficou sem base, e o direito das gentes sem principio. Tudo se tornou arbitrario, a sciencia juridica inutilisouse, e a tudo se substituiu a força, a vingança, a revolução.

Por isso o sr. Capella não quiz deixar a Italia sem visitar o campo da batalha, onde o cavalleiro Pimodan exhalou o ultimo suspiro, e os zunvos pontificios se cobriram de gloria. Estava na collina de Castellidardo, onde a 18 de setembro de 1830 os fortes cahiram e tripudiou a iniquidade.

RETROSPECTO DA QUINZENA

O dia 9 do corrente foi para nós um dia de santas alegrias, e ficará sendo de saudosas recordações.

Fomos n'esse dia á Penha!

Para quem sabe o que é a Penha, para os que, como nos, ali brincaram em creança e correram atraz das borboletas, e depois todos os annos ali teem ido e, trazendo de todas as vezes as mais alegres, as mais saudosas recordações, pode saber, sabe com certeza, quantas alegrias exprimem estas palavras:—Fomos á Penha!

Ir á Penha é elevar-se a gente acima das cousas terrenas, remontar-se a uma altura onde não chegam as mesquinhas paixões mundanas, fugir por completo de tudo que ha de baixo de material n'este mundo de mentidas illusões!

Ir á Penha, é trepar ás agruras d'uma serra, em volta da qual se destende o mais bello, o mais formoso, o mais variado quadro, que jámais podera sonhar a mente inspirada do mais laureado pintor.

Ir a Penha, trepar aquella pittoresca montanha, d'onde as penhas enormes, arautoadas umas sobre outras, irrompem d'entre as flores agrestes, como as formosas estatuas de carrara brotam do meio das mimosas flores d'um jardim, o mesmo é que sentar-se em meio d'um templo immenso, que tem por tecto o céu azulado; por paredes o espaço infinito, a immensidade; e por pavimento provincias inteiras!

Estar na Penha é estar sentado n'um throno, que tem por supedaneo o berço da monarchia, a cidade vimaranense, alvejando em meio d'um mar de verdura, e ver seus pésa provincia do Minho, esse formoso jardim de Portugal, que tem por passeios as largas estradas modernamente construidas, por arroyos os poeticos rios que serpeiam placidos por entre seus formosos campos, e por lago, la ao longe o mar, essa immensidade oceanica que se divisa perfectamente por traz de todas as serranias, encrespado pelas brisas marinhas e prateado pelos raios do sol ponente!

Estar na Penha, voltado para outro lado é ver, depois da verdejante bacia, no centro da qual se ergue o magestoso santuario de S Torquato, uma serie de serras escavadas, fazendo throno ao Gezez. E, se nos voltarmos de costas para Guimarães, muda o quadro de aspecto. Os conventos de Pombeiro, Santo Thyrso; o collegio de Santa Quiteria; as villas de Fafe, Felgueiras, etc., occupam o 1.º plano. Depois mais montanhas, mais estradas, mais rios e no fim o Marão!

Eis aqui o que é ir á Penha.

Quando algum dos nossos leitores vier a Guimarães, não esqueça ir á Penha, e indo, temos a certeza de que não terão de arrepende-se.

Depois a Penha não é só um amontoado de asperezas; tem muito a curiosidade do visitante que admirar ali. A ermida onde se venera a Virgem do Carmello é unica no seu genero, e as obras alli feitas pelos zelosos padres, que tomaram a seu cargo o aformosear aquelle bello local, bem dignas são de admirar-se.

Nós, que somos amigos da Penha desde creança; que temos uma fervorosa devoção para com a imagem da Santissima Virgem da Penha; que sentimos pulsar o coração de alegria todas as vezes que alli vamos, não podemos deixar de consagrar aqui, nas columnas do *Progresso Catholico*, um voto de louvor aos nossos amigos padres Caldas, Abreu e Carvalho, pelo muito que teem feito para tornar cada vez mais agradável a Penha. O que teem feito n'estes ultimos tempos, prova bem o amor que teem pela Penha; a devoção pela Virgem, e a perseverança com que vão de encontro a todos os escolhos que sempre se antepoem deante de quem tão arrojados committimentos se propõe realisar.

Acompanhava-nos o nosso amigo P.º Sanches, collaborador do *Progresso Catholico* e um dos professores no collegio de Santa Quiteria. E' a elle que deixamos o descrever a Penha, descripção que aqui será publicada, copia do que elle escreveu no livro das impressões, que se guarda na Penha.

Esperem, portanto, os leitores.

O *Primeiro de Janeiro*, de quem transcrevemos n'outro logar um artigo, que prova, não a divergencia de ideias religiosas do jornal portuense, mas unicamente inimidades pessoais, pois que, em

nosso entender, todos os jornaes, uma vez que pertençam á jeringonça maçónico-liberalasca, seja qual a cor de suas bandeiras, tendem todos a um mesmo fim; o *Primeiro de Janeiro*, diziamos nós, levanta a voz em prol da causa da humanidade, e, o que mais nos faz admirar, em prol... dos padres!!

Quanto deve o clero portuguez a este órgão do partido progressista! Mas, receia que as ordens religiosas venham *esmagar com essas influencias absorventes* os interesses do clero portuguez, e não receia que esse mesmo clero, seja n'um dia mais ou menos afastado, *esmagado* pela miseria, quando o governo, que lhe lançou mão dos bens a troco de papeis de credito, deixar de lhe pagar os juros d'esses papeis! Porque não levantou a voz, o nosso collega da cidade da Virgem, quando o governo decretou a venda dos passaes e dos fóros dos cabhidos?

Coitado! Tem pena dos padres e aponta-lhe as ordens religiosas como o seu maior inimigo! Os maiores inimigos dos padres e das ordens religiosas, por conseguinte são: o *Primeiro de Janeiro* e todos os jornaes chafariqueiros, que riem quando ao som do hymno da carta, se insulta algum membro do exercito do Papa. Os inimigos do clero são os jornaes que chamam *memoravel* ao decreto que extinguiu as ordens religiosas, e são seus inimigos, porque o primeiro golpe dado no clero pela revolução em o nosso paiz, foi esse decreto, que creou a desgraça do paiz e o expoz á irrisão dos estranhos, quando visitam esses montões de escombros, que os liberdadeiros de 34 fizeram dos mais bellos monumentos que Portugal possuia.

Os frades eram os auxiliares dos parochos, os mestres da mocidade, os protectores da intelligencia, e é por elles serem tudo isto, que o *Primeiro de Janeiro* os não quer, que elle os aponte como inimigos do clero secular; mas este sabe bem de quanto lhe valeriam os frades, e conhece assáz o palavriado do *Primeiro de Janeiro*.

Não fará nada, collega. Quando a boa razão presidir aos destinos d'esta terra; quando meia duzia de zoilos, que ainda por ahí ha, tiverem desaparecido, e com elles esse odio votado pelas cafiás maçonicas a tudo que os cega com seu brilhar divino, as ordens religiosas serão restabelecidas em Portugal, o povo será mais feliz porque terá uma sciencia mais sólida do que essa que hoje lhe ministram os jornaes subsidiados a sua custa, e o proprio *Primeiro de Janeiro* será tambem dos que louvará quem decretar o restabelecimento dos conventos, porque não cremos que o collega seja sempre preza de mesquinhos preconcitos de seita.

Entre tres diarios catholicos que se publicam em Madrid, andava a ceza crua guerra, o que contrastava todos os catholicos do paiz visinho. Os contendores eram: *El Siglo Futuro*, *La Fé*, e *El Ecnix*, todos soldados aguerridos nas cam-

panhas da religião e da patria. Para pôr cõbro a tão desagradavel pelemico o cardeal arcebispo de Toledo, dirigiu á redacção do *El Siglo Futuro* o seguinte escripto :

«Arcebispo de Toledo,

«Vendo com profunda pena e grande dôr o inexplicavel rompimento dos diarios religiosos d'esta côrte, *El Siglo Futuro*, *La Fé* e *El Fenix*, e as polemicas nada caritativas que uns contra os outros calorosamente agitam e sustentam com grave escandalo de TODOS OS BONS da nossa diocese e em toda a Hespanha catholica, e com grande satisfação e algazarra do erro e da perversidade; uzando da Nossa auctoridade ordinaria, e em cumprimento dos deveres do Nosso ministerio pastoral, encarregamos e ordenamos a v. que, perdoadando christãmente as fraquezas e miserias do proximo, segundo os preceitos evangelicos, ponha pela sua parte termo á contenda iniciada, que causa desgosto a todo o bom catholico, e é origem de muitos peccados e offensas a Deus Nosso Senhor.

«Deus guarde a v. muitos annos.

«Toledo, 7 de agosto de 1880.

«O CARDEAL ARCEBISPO DE TOLEDO.

«Sr. director d'*El Siglo Futuro* :»

A' vista d'este documento os contedores ensarilharam armas, mostrando-se fieis observantes dos preceitos evangelicos apontados pelo illustre prelado.

D'aqui endereçamos mil parabens aos nossos collegas de Madrid, e companheiros do exercito da Igreja.

O sr. Romeu Junior, realisoou ha dias uma conferencia no Atheneu Commercial de Lisboa.

Uma conferencia na sala d'uma associação com o nome d'esta parece que de vera tratar de assumptos commerciaes, etc. Não o entendeu assim o sr. Romeu, e foi dizer que o estado decadente de Portugal, no seculo 18, se deve aos jesuitas; que os jesuitas foram um mal para a nação; que a espada de Portugal de 1750, não era a espada de D. Afonso I e Nuno Alvares Pereira; que o marquez de Pombal fôra um grande estadista etc. etc.

Foi historiador e não politico, porque o não é, diz o *Commercio de Portugal* ao fechar a noticia.

Então que é o sr. Romeu, não nos dirá o esclarecido collega?

Melhor o sr. Romeu procurasse uma Julieta e deixasse o Atheneu!

Os jornaes portuguezes deram a noticia do processo que D. Carlos de Bourbon intentára contra Boet, e bateram palmas quando o jury poz aquelle na rua, acrescentando que o partido carlista, visto o descredito de D. Carlos, estava resolvido a eleger um outro chefe.

Os jornaes italianos, francezes, hespanhoes, etc., etc., que recebemos, dão a decisão do jury como um dos maiores escandalos que se tem praticado, continuam a chamar a Boet pelo nome que tem quem faz um roubo, e apresentam-nos os carlistas em volta da bandeira hasteada pelo duque de Madrid, protestando contra as decisões do jury e fazendo subscripção para offerlar ao principe um tosão igual ao que lhe roubára Boet.

Nada d'isto leem os jornaes portuguezes, ou se o leem não o querem dizer aos seus leitores, talvez para não desfazer o que o governo de Hespanha tentou fazer ao espalhar 400 mil exemplares do processo pelas provincias do norte de Hespanha.

O *Figaro* publica um magnifico artigo a tal respeito e conclue com estas palavras: «Sejamos justos: grande numero de liberaes italianos viram, com profunda magoa, as ideias de justiça convertidas em ideias politicas; sabemos de fonte segura que alguns, senadores e deputados, vituperaram o apparato scenico organizado para sublevar a canalha e excitar ruins paixões.»

Nós não quebramos lanças por este ou aquelle partido politico porque não temos politica. nem ella cabe á sombra da cruz a que estamos acolhidos; mas custa-nos a ver o modo pouco imparcial com que a imprensa d'esta terra portugueza aprecia os factos, illudindo assim os seus leitores.

S. Santidade Leão XIII continua a approvar a attitude tornado pelo episcopado helga na questão ali levantada. A' carta que lhe fôra dirigida pelos membros do episcopado, respondeu S. Santidade com o seguinte:

«Queridos filhos e veneraveis irmãos, saude e benção apostolica.

A affectuosa carta que me escrevestes de commum accordo no dia 8 d'este mez prova-nos a dôr profunda que vos causou a injuria recentemente feita á Santa Sé na Belgica.

Esse successo tambem encheu de magoa a nossa alma: mas Deus, na sua bondade, digna servir-se de vós para nos dirigir as palavras de consolação de que temos necessidade.

O que realmente nos consola é vêr-vos tão perfeitamente unidos não só para deplorar o que acaba de succeder, mas tambem para repellir com todas as vossas forças os ataques que se dirigem contra a Igreja; é o zelo que empregaes na realisação dos deveres do episcopado, a vossa constante sollicitude em defender a causa da religião, a firmeza da vossa conducta temperada pelo espirito de moderação e pela prudencia christã. Por isso não hesitamos em vos dirigir os elogios de que sois dignos.

Aos nobres exemplos da vossa dedicacão correspondem por uma fórma admiravel os sentimentos de piedade e d'amor filial, cujas provas claras e manifestas vos não cessam de dar os fieis confiados á vossa vigilância, a nós, e a esta cadeira apos-

tolica. Vemos com alegria que coisa nenhuma é capaz de diminuir o valor dos vossos diocesanos, e que as contrariedades mais animam ainda nos seus accommetimentos. Isto suavisa a amargura da nossa afflicção e fortalece a nossa confiança na divina Providencia, e leva-nos a dizer com o propheta-rei: «Aquelle que defende Israel não nos esquecerá.» Appellamos pois do intimo d'alma para o Deus de paciencia e de consolação, e pedimos-lhe que se digne innocular em nós o espirito de sabedoria e de força e, ao mesmo tempo, fortalecer os fieis da Belgica na defeza dos interesses religiosos e nos seus santos emprehendimentos para o bem geral da patria.

Dirigindo-vos, queridos filhos e veneraveis irmãos, as accões de graça que merece o cumprimento dos vossos deveres, desejamos profundamente que vós proprios sejaes os interpretes do nosso reconhecimento junto d'essas grandes associações catholicas que se desvelam, n'estas tristes circumstancias, em nos consolar com os mais patentes testemunhos de dedicacão, de fidelidade e d'amor filial:

Recebei ao mesmo tempo por vós, pelo vosso clero e pelos fieis das vossas respectivas dioceses, a nossa benção apostolica e os votos sinceros de toda a felicidade que vos enviamos do intimo da alma como penhor da nossa paternal afflicção em Nosso Senhor.

Dado em Roma junto de S. Pedro, aos 27 de julho de 1880, 3.º do nosso pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

Já viram alguem que haja praticado o mal, receber o bem?

E' ceusa impossivel, porque Deus o dissera:—Com a arma com que ferires, serás ferido.

E isto, provado milhares de vezes, provasse ainda com a seguinte noticia:

«Dizem os periodicos de Paris que um operario de nome Laforce, auctor do assassinio do arcebispo de Paris, monsenhor Affre, commettido nas barricadas de 25 de junho de 1843, vingou escapar á policia e fugir para a California, onde reuniu algumas barras d'ouro, mas de regresso á Europa foi assassinado por uma quadrilha de solteadores, sendo o cadaver devorado em parte pelos abutres.

O filho de Laforce, ao reconhecer os restos de seu pae, horrorisou-se a ponto de encanecer e ficar doido.»

J. de Freitas.

AO COMMERCIO DE PORTUGAL

Ha mais de quinze dias que não recebemos este nosso collega de Lisboa. Haverá extravio no correio, ou não merecemos a honra da visita d'este diario lisbonense?